

Representações da Discriminação Social e Retrospecção Teleficcional: Discursos de classe e geração a partir de comentários sobre a novela “Esperança”

Lília Junqueira

Universidade Federal de Pernambuco - Brasil

O conceito de discriminação social diz respeito a relações sociais caracterizadas por uma representação estigmatizadora do outro e de si mesmo que constrói identidades polarizadas com valores positivo e negativo, justificando no nível simbólico os preconceitos sociais de gênero, raça, classe social ou outros. Intimamente ligada ao conceito de desigualdade social, a discriminação é pensada aqui como um dos mecanismos de coerção de um sistema de dominação social a partir de um poder, que, por ser simbólico, não se deixa ver facilmente apenas com os recursos teóricos e metodológicos da ciência social moderna fechada em si mesma.

Embora as telenovelas apresentem encenações de relações sociais sobretudo no âmbito privado, na família e nas relações amorosas, a construção das tramas e das personagens e a evolução das narrativas permite entrever o consenso sobre a lógica e o valor das características pessoais e das relações sociais. Nas novelas estão representadas as nossas crenças e nossos valores sociais ligados à ordem social, à hierarquia e ao direito social, como também os valores de exclusão e de participação social.

Segundo Barbero (2001) o sentido dado à mensagem pela telenovela não pode ser conhecido antes que, a partir de sua exposição a ela, os telespectadores produzam um discurso relacionando-a à experiência cotidiana. O fenômeno mais importante ligado à telenovela é a sua repercussão na vida social a partir da prática de “falar da telenovela” que é, hoje, comprovadamente um ritual cotidiano no Brasil. De fato, estudos mostram que, por vezes fala-se muito mais das telenovelas do que assiste-se a elas, tornando-se a fala um fenômeno social mais importante do que o ato de assistir em si. Essas falas constituem uma riquíssima fonte de dados para entender a discriminação onde ela é menos visível e comunicável: na imagem que se faz das pessoas e das relações e na emoção e no sentimento ligadas a elas, justamente porque se baseiam fortemente nas experiências

pessoais e grupais da vida cotidiana. Além disso, quando o telespectador julga as personagens, deixa vir à tona sentimentos e idéias que nem sempre seriam confessados em sua opinião declarada sobre pessoas e relações reais.

A discriminação social foi investigada, nesse estudo através da investigação da presença simbólica da discriminação social em determinadas formas de compreender e interpretar as cenas que tem uma tendência a permanecerem inalteradas no âmbito das classes sociais com especial atenção às relativas à geração. Essas formas de interpretação são trabalhadas a partir do conceito de *habitus* de Bourdieu, destacando uma matriz discursiva mais estável que é o personalismo.

Nossas pesquisas tem mostrado a forte presença da matriz personalista nos discursos dos telespectadores sobre as novelas ao tratar dos mais diversos assuntos. As relações entre indivíduo e pessoa são constantemente fixadas como referencial de representação. A matriz personalista vem acompanhada, nas falas sobre a novela, de um modo de percepção característico das classes sociais. O presente artigo reforça estas conclusões para o estudo da discriminação social no trabalho de pesquisa a partir da novela “Esperança”.

A novela de época *Esperança* de Benedito Ruy Barbosa, veiculada pela rede Globo de televisão no ano de 2002 foi analisada paralelamente aos discursos que sobre ela foram feitos no período de exibição. Para estudar a novela foram gravados capítulos de três períodos, do início, do meio e do fim, momentos essenciais da narrativa. A partir deste *corpus* maior foi feita uma análise de narrativa, onde se levantou algumas cenas centrais da estória, envolvendo três personagens também centrais e bem caracterizadas em suas relações inter-pessoais e sociais: *Toni, Francisca e Nina*. Em seguida, foi produzida uma edição com as cenas escolhidas num total de 8 minutos. Esta edição foi estudada com recurso às técnicas de análise de discurso, principalmente a intertextualidade e o estudo do tempo. Os resultados desta análise deram a direção para elaborar um roteiro de entrevista com os 20 telespectadores de duas classes sociais e faixas etárias distintas que foram selecionados a partir de contatos feitos com as associações de moradores do bairro de Boa Viagem na cidade de Recife. Antes de responder às questões, os entrevistados assistiram à edição para reforçar a lembrança das personagens em foco e os fatos acontecidos no início da novela, o que acabou gerando uma superposição temporal suplementar, como veremos

a seguir. As entrevistas também foram submetidas à análise de discurso.

A novela confronta representações conflitantes de vida referentes às condições materiais da classe média (apresentadas de forma mais representativa do real) e das classes populares (apresentadas de forma menos próxima do real e mais próxima do clichê) que se prestam a várias leituras e ganham interesse do público exatamente porque provocam situações de tensão.

Esta tensão também está presente nas relações entre as classes a partir dos seus respectivos padrões de consumo. A pesquisa contrapõe representações de grupos bastante diferentes com relação aos modos de vida, apesar de estarem próximos espacialmente. A classe média habita edifícios de alto padrão enquanto a classe popular ocupa a favela de *Entrapulso*, onde paira constantemente a ameaça da desocupação. Além disso esses últimos têm forte experiência da discriminação social pois entram em contato com os lojistas e a administração do shopping Recife que ladeia a favela. As novelas não transmitem essa dicotomia de hábitos que podem ser pensadas como configurações de *habitus de classe* específicas. Elas homogeneizam as representações dos dois grupos sociais. Este fato gera forte tensão entre os telespectadores, principalmente os da classe popular. Estas situações de tensão são foco de interesse para esta pesquisa.

1. **A pesquisa: corpus e grupo de entrevistados**

Os temas da desigualdade e da discriminação social estão presentes, em suas formas mais conhecidas, em maior ou menor grau de importância na grande maioria das novelas exibidas pela rede Globo no horário das 20 horas. Estudá-la numa novela de época, cujo tema central é a imigração de estrangeiros para o Brasil na década de 30 parece estranho à primeira vista, se nos fixarmos apenas na dimensão da consciência e de atividade do telespectador. Estudá-la numa novela cujo tema limita-se à discriminação entre brasileiros e estrangeiros naquele período também parece estranho para entender a discriminação social como ela é pensada hoje no país. Mas se por outro lado, procurarmos as lógicas subliminares e nem sempre conscientes, o encadeamento entre compreensão e sentimento, veremos que a discriminação de italianos e espanhóis naquele período foi lida pelos telespectadores entrevistados com as lentes da discriminação conhecida internamente no Brasil da forma como ela é pensada e vivida no momento presente. Pudemos notar, estudando os discursos em questão, que uma

certa lógica que subsidia a percepção, compreensão e interpretação da discriminação entre brasileiros e estrangeiros, em 1931 na novela, é a mesma que subsidia o pensamento sobre a discriminação entre ricos e pobres, homem e mulher ou brancos e pretos, dentro do Brasil hoje.

Foram entrevistadas dez pessoas da classe média e média alta e dez da classe popular.

Para selecionar as entrevistas, baseamo-nos em 4 critérios:

(1) Renda: Com este critério separamos, para fins metodológicos e comparativos, dois grupos de análise: o Grupo 1 (G1), formado pelos entrevistados da classe alta e média de Boa Viagem; e o Grupo 2 (G2), formado pelos da classe popular (comunidade de Entrapulso). Estes dois grupos possuem rendas muito diferentes, e, por esta razão, elaboramos dois quadros distintos de classificação, a saber:

Tabela 1: Classificação dos entrevistados do G1 por *renda*.

Grupos	Renda	fG1
A	De R\$ 800,00 a R\$ 1.500,00	4
B	De R\$ 1.501,00 a R\$ 3.000,00	5
C	Acima de R\$ 3.000,00	1

Tabela 2: Classificação dos entrevistados do G2 por *renda*.

Grupos	Renda	fG2
A	De R\$ 100,00 a R\$ 280,00	6
B	De R\$ 281,00 a R\$ 400,00	5
C	Acima de R\$ 400,00	1

(2) Gênero: A nossa intenção inicial era formar um equilíbrio entre os dois grupos, no referente a questão de “gênero”, porém, isto não foi possível, sendo entrevistados, em ambas as classes sociais, um maior número de mulheres. Assim ficou a classificação:

Tabela 3: Classificação dos entrevistados por *gênero*.

Grupos	Gênero	fG1	fG2
A	Masculino	2	3
B	Feminino	8	7

(3) Idade: Buscamos pessoas que cobrissem uma extensa faixa etária, a fim de que

estivessem presentes na pesquisa, pessoas pertencentes a duas gerações distintas, para assim, podermos comparar as respostas deste subgrupo. E, segundo este critério, assim ficou a nossa amostra:

Tabela 4: Classificação dos entrevistados por *idade*.

Grupos	Faixa etária	fG1	fG2
A	De 16 a 26 anos	2	7
B	De 27 a 36 anos	3	1
C	De 37 a 56 anos	2	1
D	De 57 a 71 anos	3	1

3. O Texto: diferenças de classe e geração no *habitus* interpretativo da discriminação social

a) Discriminação de estrangeiros no passado e discriminação no Brasil hoje

Sobre a relação entre brasileiros e estrangeiros na década de 30 os discursos apresentaram diferenças de classe e de geração. Para o grupo um a questão da discriminação na novela foi muito mais pensada através do tema da disputa pelo trabalho do que por outros referentes, como raça ou renda. Duas telespectadoras mais idosas apresentaram discursos que permitem relacioná-los à matriz personalista:

“Eu acho que (eles) vieram mais para o bem deles próprios, os imigrantes, do que para os brasileiros. Que sempre que eles...por mais pobres que tenham vindo para cá, todos eles conseguiram vencer, né ? E o brasileiro continua na mesma, na minha opinião. Por mais que se esforcem...” (DAB)

“Olha, a gente vive aqui num país hipócrita, sempre diz que é um país sem preconceito mas existe preconceito. Então... Até hoje eu sinto isso, eu frequento aqui a praia, e vejo, tem os alemães, os suíços, e tem uma certa discriminação por parte de nós, embutido, enrustido, mesmo, mas tem.” (CAB)

O primeiro trecho apresenta a idéia de distinção de nível identitário entre brasileiros e estrangeiros, de forma que os brasileiros aparecem como inferiores na

capacidade de avançar profissionalmente. O segundo apresenta o sentimento de rancor contra os estrangeiros turistas que hoje freqüentam a praia de Boa Viagem em Recife, acrescentando à identidade inferior do brasileiro a idéia de que este rancor não é declarado, mas mascarado, “embutido e enrustido”. A idéia de que o brasileiro não vença por mais que se esforce é tipicamente personalista, fazendo parte da lógica de que a nossa aversão à competição e ao trabalho nos afasta definitivamente do modelo de organização econômica mais eficiente dos países desenvolvidos. Talvez seja esta idéia a justificativa para o rancor contra os estrangeiros, uma vez que, além de serem detentores de capacidades que nós não temos, ainda querem ocupar nosso espaço (a praia no presente ou São Paulo no passado). Esta idéia se relaciona com outras levantadas na novela como por exemplo a de que os estrangeiros se estabeleceram em nosso território e tomaram nossos empregos.

A idéia de que este rancor não é assumido, também faz parte da mesma lógica, já que, pelo fato dessa discriminação ocultar uma falta de capacidade de vencer do brasileiro, ela deve ser disfarçada, não declarada.

Dois telespectadores deste grupo apresentaram uma visão surpreendente, dizendo que eram os portugueses que discriminavam os italianos e não os brasileiros. Segundo um deles os italianos não sofreram

“uma discriminação racial porque eles eram brancos, porém eles eram só usados como mão de obra barata, os portugueses que eram a família predominante aqui...eles realmente não queriam se misturar, achavam que (os italianos) eram pessoas inferiores.” (CAB)

Este discurso contém a idéia de que não foram os brasileiros os responsáveis pela discriminação dos estrangeiros, mas sim os portugueses. Tal idéia surpreende porque não está presente na mensagem. Nenhum personagem português discriminou nenhum outro de qualquer nacionalidade na novela. Não há dúvida de que a resposta não se apoiou na novela. Contudo, ela pode ter sido inconscientemente buscada numa matriz de pensamento personalista, na qual, o brasileiro, por ser cordial, não poderia ser capaz de cometer discriminação contra os estrangeiros.

Neste grupo a imagem do Brasil como um país hospitaleiro e amigável é mais forte do que no grupo dois, mesmo entre os mais jovens que apresentam interpretações menos calcadas no personalismo. No exemplo a seguir, o apoio na

educação escolar permite distanciamento e reflexão sobre a discriminação, não deixando de transparecer a fé no Brasil cordial, capaz de redimir todos os conflitos.

“Na novela mostrou um pouco dessa discriminação em uma cena que Vincenzo conversa com sua esposa Constância e com Farina, eles contavam a alguém que eu não me lembro quem era, tudo o que eles sofreram até conseguir uma estabilidade com a sua própria fazenda. Mas na novela também passaram cenas que eu não sei se condizia com a realidade, o que acontecia era que essas relações conflituosas sempre acabavam quando os imigrantes encontravam pessoas do tipo Dona Mariusa com toda a sua cordialidade, alegria e bom astral, que a identificavam como uma típica brasileira. Não sei se todos ou a maioria era assim, mas acho que também existiram muitas Franciscas com seus preconceitos.” (ABB)

O discurso revela muito maior domínio dos diferentes tempos da novela em relação a seus personagens correspondentes, demonstra maior sensibilidade à complexidade da relação entre brasileiros e estrangeiros presente na novela, mas continua ancorada na matriz personalista, na medida em que valoriza o “homem cordial” representado pela personagem Mariusa. Este sentimento de Brasil como local de amizade e cordialidade foi transmitido pela novela, mas foi mais fortemente captado por este grupo do que pelo grupo dois.

No grupo dois os telespectadores mais jovens sublinharam a razão que levaria os estrangeiros a partirem para o Brasil, mais evidente na novela, que é a busca de emprego para levar uma vida melhor.

Tanto a opinião sobre as razões que trouxeram os estrangeiros ao Brasil quanto a visão da relação aqui estabelecida entre estrangeiros e brasileiros, está marcada pela presença ou ausência da projeção nesta relação, da discriminação interna conhecida no presente que é exercida no Brasil entre brasileiros e brasileiros. A maioria concordou que os estrangeiros foram discriminados, mas alguns acham que foram bem recebidos, tratados melhor que os brasileiros.

A discriminação racial é acessada para pensar a relação entre estrangeiros e brasileiros:

“Houve discriminação e acho que existe até hoje. Agora aí vai depender muito da cor da pessoa também, eu acho. Porque se for um angolano que venha pra cá, eu acho que ele ia ser discriminado; agora, se vier um britânico, com certeza ele não vai ser...” (ABB)

A discriminação de renda também foi projetada na distinção entre estrangeiros e

brasileiros:

“ Eu acho que se o estrangeiro fosse rico acho que ele era tratado como igual porque ele contribuía com dinheiro, mas se fosse pobre, não era não, era perseguido...eu acho.” (ABB)

A vivência maior da discriminação social por este grupo parece ter sido um referencial forte para produzir este tipo de equação que pode ser vista como uma crítica da desigualdade a partir da motivação por interesses econômicos ou raciais.

Algumas interpretações também deixam entrever uma perspectiva claramente valorativa com relação às identidades de brasileiros e estrangeiros. Por exemplo (BBB) afirma que os estrangeiros “são tratados até melhor (que os brasileiros) que a gente mesmo. Que normalmente você trata a pessoa de fora melhor, mais atenção, acho que eles são tratados melhores”. Ela afirma também que “eles normalmente conseguem vencer, embora se casem com pessoas que tenham dinheiro, mas mesmo assim conseguem. Eu acho que é a luta atrás de uma vida melhor, mesmo que seja um lugarzinho que não tenha essas coisas todas, que aqui não tem.”

A referência aos estrangeiros como pessoas que conseguem vencer mesmo em lugares difíceis como o Brasil valoriza a sua personalidade. Nem mesmo o fato de o conseguirem por meios pouco louváveis, (mesmo se casando com pessoas que tenham dinheiro, como o fez o personagem Toni) parece diminuir o valor maior dado à identidade estrangeira. O Brasil parece incorporar um valor inferior também quando é apresentado como um “lugarzinho que não tenha essas coisas todas”.

Estas opiniões foram dadas por telespectadores adultos e maduros. Os adolescentes e jovens, em sua maioria, não apresentaram este viés interpretativo depreciativo da identidade brasileira também presente como elemento sentimental referente à matriz personalista.

“Eu acho que eles foram importantes, fizeram parte, ficaram no Brasil por bastante tempo, compraram umas terras e fizeram um lar. Eles ajudaram muito, eu acho que eles ajudaram.” (AAB)

“...quando chegam aqui, eles lutam atrás de emprego, e quando conseguem acho que eles ajudam o Brasil a crescer.” (ABB)

Discursos como esses não comportam nenhuma carga valorativa referente à identidade de brasileiros e estrangeiros. Estes foram importantes porque estiveram conosco, dedicaram suas vidas ao país. Há duas hipóteses para explicar essa

interpretação. Em primeiro lugar, a de que os jovens deste grupo são os que aprendem mais diretamente com as novelas, e a novela, de fato, apesar de utilizar a matriz personalista para a construção de alguns personagens, buscou passar uma visão geral isenta de valores na questão da discriminação. E segundo lugar, o domínio da linguagem televisiva e da sua multiplicidade de temporalidades permitiu uma interpretação sem referências na matriz personalista.

Finalizando, e em resumo, podemos afirmar que, a matriz personalista está presente na lógica da discriminação social da novela e dos telespectadores entrevistados. As razões do distanciamento desta matriz pelos mais jovens e com apoio da educação formal, ainda precisam ser investigadas. Por outro lado, a lógica personalista que se apresenta mais firme nos discursos dos telespectadores entrevistados, sobretudo os mais maduros poderia ser esquematizada da seguinte forma:

	Pessoa	indivíduo
(A)	renda	rico >>>>>>>>>> pobre
(B)	raça	branco >>>>>>>>>> negro, índio
(C)	gênero	homem >>>>>>>>>> mulher

A discriminação é uma relação na qual os elementos “pessoa” exercem domínio sobre os elementos “indivíduo”. Se a lógica da relação entre brasileiros e estrangeiros se adequasse à lógica personalista, ela seria assim:

(A) renda europeu >>>>>>>>> brasileiro
(B) raça europeu >>>>>>>>> brasileiro
(C) gênero Toni >>>>>>>>> Maria, Camille

Pode-se afirmar que esta foi a forma como muitos dos telespectadores pensaram a relação entre estrangeiros e brasileiros a partir de um habitus perceptivo treinado pela matriz personalista. Mas na novela, por conta da retrospecção ao passado histórico, a lógica da discriminação apareceu assim, sobretudo na primeira fase, aquela que os telespectadores guardaram melhor:

(A) renda brasileiro >>>>>>> europeu
(B) raça brasileiro >>>>>>> europeu, italianos e negros
(C) gênero Toni >>>>>>> Maria, Camille

A novela apresentou um modelo contrário ao do senso comum para as relações entre brasileiros e estrangeiros, que, pela intertextualidade temporal, muitos

confundiram. Essa pode ter sido entre outras, uma das causas da baixa audiência da novela.

Bibliografia

Balogh, Ana Maria. (2002), *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas*. São Paulo, Edusp.

Bourdieu, Pierre. (1980), *Le sens pratique*. Paris, Minuit.

_____ (1998), *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Damatta, Roberto. (1981), *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar.

Gomes, Itania Maria Mota; **JACOB**, Maria Carmem (orgs). (2003), *Media e cultura*. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.

Junqueira, Lília. (2003), “Reflexões sobre a ficção televisiva brasileira e as representações sociais do personalismo”. Belo Horizonte, *Anais do XXVI Congresso brasileiro em ciências da comunicação – Intercom*.

_____ (2004), “Personalismo e socialização no Brasil contemporâneo. Um estudo da identificação juvenil com personagens de uma novela”. Rio de Janeiro, *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, PPCIS/UERJ ano 6, nº 1.

Martín-Barbero, Jesús.(2001), *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo, Ed. Senac.

Rouanet, Sérgio Paulo. (1987), *A razão cativa. As ilusões da consciência: de Platão a Freud*. São Paulo, Brasiliense.